

«Uma história que será amada por todos os que alguma vez amaram um cão.»

TERESA RHYNE, AUTORA DO BESTSELLER O MEU CÃO SOBREVIVEU (E EU TAMBÉM)

LAUREN FERN WATT

Até Sempre, Gizelle

O que a minha
cadela gigante me ensinou



nascente

Para o meu pai, que me ensinou a «aguentar firme».

Índice

Nota da autora	9
Prólogo	11
Parte I Uma História de Encantar	15
1 Uma Cadelinha Gigante	17
2 Irmandade	31
3 Fazer Listagens	43
4 Manhattan	53
5 Sobressaltos em Times Square	65
6 Mulher de Sucesso	81
7 Conhecer um Rapaz	99
8 O Parque para Cães	115
9 O Coxeio	139
10 A Viagem de Carro	155
11 A Descoberta	167
Parte II A Lista de Gizelle	175
12 A Doca	177
13 Os Desejos de uma Cadela	185
14 A Mudança da Folhagem	195
15 Um Floco de Neve	209
16 Deixá-la Partir	223
17 A Corrida	235
Epílogo: Levá-la Para Todo o Lado	245
Agradecimentos	251

Nota da autora

Para escrever este livro, recorri a registos pessoais, falei com familiares e amigos que aparecem na história, e refleti sobre as minhas memórias de crescer com a minha enorme cadela, a *Gizelle*. O livro abrange sete anos da minha vida, por isso foram escolhidos alguns eventos essenciais à narrativa em detrimento de outros que ficaram de fora. Alguns nomes e pormenores que permitiam identificar certas pessoas foram alterados.

Prólogo

O despertador tocou no meu telemóvel e estiquei o braço para carregar no botão de repetição. Voltei a aconchegar a cabeça na almofada. Com apenas um dos olhos semiaberto, toquei no ecrã do telemóvel. «Merda! Merda! Merda!». Saltei da cama, agarrei numa t-shirt desportiva do monte de roupa, calcei os ténis *Asics* e voei pela porta da rua.

Corri até à estação de metro Astor Place, apanhei o metro até Central Park e corri até à tenda das inscrições. Estava sem fôlego quando cheguei, e fui recebida por uma mulher com unhas vermelhas compridas e de sobrancelhas levantadas.

— Querida, está vinte minutos atrasada.

— Mas esta é uma das corridas de qualificação para a maratona de Nova Iorque — supliquei. — Só tenho de *acabar* esta corrida. Por favor, *por favor*, deixe-me correr.

A mulher pôs as mãos sobre uma caixa de plástico repleta de peitinhos de corrida e comprimiu os lábios um contra o outro.

— Esta corrida já era.

Ao sair da tenda, os meus olhos estavam cobertos de lágrimas. *Não chores. Não chores. Não chores. Não aqui, Lauren. Não em*

pleno Central Park. Mas nada o conseguiu evitar. Assim que pestanejei, as lágrimas escorreram.

De cabeça baixa, percorri o parque até à fonte Bethesda, o lugar onde a *Gizelle* e eu gostávamos de observar os barcos a remos no lago. Há já algum tempo que ela tinha problemas na pata traseira esquerda. As escadas do prédio de apartamentos sem elevador onde morávamos eram um tormento para a *Gizelle* e, por isso, dois amigos que tinham uma vivenda no Maine ofereceram-se para tomar conta dela durante algumas semanas. Isso tornou possível para mim regressar à cidade e continuar com o meu trabalho, mas sentia-me sozinha sem a *Gizelle*. A Kate e o John diziam que ela estava bem e evitava manter-se sobre as patas. Tomava o medicamento com facilidade. Voltaria para Nova Iorque assim que estivesse melhor... era, pelo menos, o que eu esperava. Mas, por outro lado, não tinha assim tanta certeza disso. Sempre que me lembrava do coxear da *Gizelle* era assolada por um medo terrível.

Respirei profundamente e limpei as lágrimas do rosto com a t-shirt. Certo, Lauren. *Lá por teres perdido uma corrida não quer dizer que não possas ter uma corrida só tua. Ainda podes correr os teus quilómetros.* Afastei as lágrimas e comecei a correr. Subi a escadaria a correr e continuei, atravessando os ulmeiros, imaginando as patas gigantes da *Gizelle* a batucarem a meu lado, como sempre fizera antes daquele estúpido coxeio. Contornei o lago dos patos, dando a volta na estátua da *Alice no País das Maravilhas* e saí do parque em direção à Fifth Avenue.

Continuei a correr. A temperatura quente do pavimento de cimento chegou às minhas pernas. Estava demasiado calor para que a *Gizelle* tivesse sido capaz de correr hoje, mas isso não me impediu de a imaginar a correr a meu lado. Quando fechava os olhos, quase conseguia ouvir o som das suas patas a baterem no

pavimento junto aos meus pés. Cada vez mais depressa, corri pela Fifth Avenue abaixo, esquivando-me à multidão e ao intenso tráfego de um sábado nova-iorquino, sentindo-me melhor a cada passada.

Consegui chegar até a 7th Street, atravessei a Avenue A e ainda considerei a hipótese de correr mais uns dois ou três quilômetros até ao East River Promenade, mas, ao invés, detive-me diante do meu apartamento. Expirei e estiquei as mãos até aos joelhos. Expirei. Expirei. Expirei. Retirei o telemóvel da banda presa ao meu braço. Foi então que reparei que tinha três chamadas não atendidas. E uma mensagem de voz da Kate, que pedia que ligasse de volta o quanto antes. Era por causa da *Gizelle*.

Subi as escadas do prédio a correr até ao apartamento, onde cheguei ofegante. *Talvez a Kate esteja a ligar por causa da comida da Gizelle, ou da medicação?* O veterinário ligara a alertar para se irem buscar os medicamentos da *Gizelle* à farmácia Rite Aid em Kittery. Talvez tivesse tido algum problema ao levantá-los na farmácia. Tinha o rosto corado por causa da corrida de cerca de onze quilómetros, os meus ténis *Asics* ainda calçados e o coração aos pulos. Abri a porta do apartamento, dando de caras com a cama da *Gizelle* vazia, e fiquei a olhar para o telemóvel, tentando ganhar coragem para fazer a chamada telefónica. *Vamos, liga, Lauren. Está tudo bem.*

A *Gizelle* entrara na minha vida mesmo muito rápido, num dia de verão no Tennessee, há seis anos. Na altura em que os meus pais continuavam juntos, antes de me mudar para Nova Iorque e antes de começar a correr. Tornara-se a minha nova melhor amiga e muito mais que isso com mesmo muita facilidade.

Marquei o número.

PARTE I

Uma História de Encantar

1

Uma Cadelinha Gigante



Prometemos que íamos apenas *ver*. A mãe e eu estávamos dentro do carro no parque de estacionamento da loja CVS, na Franklin Road. Às 10 da manhã, sentia-se já uma humidade no ar de Brentwood, nos subúrbios de Nashville onde eu crescera. Virámos o carro para uma fila de árvores e estávamos com os rostos enfiados nos anúncios classificados do *The Tennessean*, analisando a nossa secção preferida: a dos cachorrinhos.

Não havia uma razão em particular para estarmos a fazê-lo nesse dia. Em casa já tínhamos duas cadelas, a *Yoda* e a *Bertha*, para não falar de um montão de outras criaturas e de tantos outros problemas familiares que duvidava que um novo cachorrinho pudesse resolver.

— Um *labrador*? — sugeri, dando uma dentada na minha baguete recheada com... tudo.

A mãe abanou a cabeça, também ela com a boca cheia, fazendo um sinal com o polegar para cima que significava *maior*!

— Um *coonhound*¹?

— Hum... — refletiu a mãe. — A mascote da Universidade do Tennessee não é um *coonhound* ou algo parecido? — Tinha razão. Aquele cão de orelhas descaídas e brincalhão era a mascote dos Vols, a equipa de futebol americano da Universidade do Tennessee, onde eu iria começar a estudar no outono seguinte, sendo, então, caloiira. Aparecer com um cão igual à mascote talvez fosse demasiado «espírito de equipa» para alguém novo no *campus* universitário. Com o mesmo pensamento, os nossos olhares cruzaram-se e ambas sorrimos.

Desde que regressara a casa no verão, a mãe adquirira um novo ritual pelas manhãs, que implicava uma passagem rápida pelo

¹ Cão de raça norte-americano utilizado para caça e conhecido pelo seu faro apurado. [*N. do T.*]

Starbucks e pelo *Bruegger* algumas vezes por semana: baguetes para levar e um café bastante açucarado. Depois, estacionávamos o carro num estacionamento vazio, algures a apenas alguns quilómetros de uma mesa de cozinha decente em nossa casa, para podermos «falar». Apenas nós as duas.

E, no caso da mãe, as nossas conversas consistiam nela a desculpar-se e a assegurar-me que estava «totalmente bem», para depois desviar o olhar para o próprio colo à espera do meu habitual: «Está tudo bem, não faz mal, eu acredito!». E continuaríamos — apesar de não estar tudo bem e de já não ter tanta certeza de ainda acreditar nela.

A mãe era a minha melhor amiga e, como tal, eu queria muito acreditar nela. Sempre colocara mensagens escritas por ela na minha lancheira até à altura em que acabei o ensino secundário (muitas vezes acrescentando purpurinas), dizia-nos que as sereias eram reais e comprou muitas roupas de que eu e a minha irmã mais nova, a Erisy, não necessitávamos. *Não digam nada ao vosso pai*, sussurrava ela aos nossos ouvidos, com a sua voz suave, aguda e melodiosa (o mesmo tom de voz herdado por mim), antes de nos apressar para os quartos com os sacos de compras. Abordava tudo como se devesse ser divertido, e se não existisse nada de emocionante num qualquer detalhe da vida, ela tornava-o empolgante.

Nessa específica manhã de sábado, o rosto da mãe iluminava-se com a excitação de ter um novo cachorrinho. Estávamos sentadas dentro do carro estacionado. Paradas, mas com a sensação de estarmos em movimento. O meu *frappucino* gotejava no suporte para copos, e a mente da mãe magicava, sem dúvida, o que poderia fazer para compensar a noite anterior. Virou-se e olhou para mim.

— Sabes o que *quero* fazer hoje? — inclinou-se e sorriu.
— Temos de arranjar outro cachorrinho.

Bebeu um gole do seu café grande.

— Quero arranjar-te um cão grande. Somos raparigas de cães grandes. És uma rapariga de cães grandes, querida.

Nem sequer sabia o que a mãe queria dizer com aquilo, mas não me importei. Coloquei a baguete no tabliê do carro, deixei o *frappuccino* a derreter e entrei na CVS para comprar o jornal.

Espalhámos a secção dos classificados na parte interior da frente do carro, cobrindo os nossos colos com as folhas acinzentadas, estendendo-as até ao tabliê.

Um pastor alemão?

Ativo e desportivo, seria interessante, mas seria sociável com os outros cães? Tínhamos de pensar na *Yoda* e na *Bertha*.

Um *goldendoodle*²?

São cães amorosos, mas estávamos a pensar num cão realmente grande.

Um *cão de montanha dos pireneus*³...

Oh! É sem dúvida grande, mas não teria demasiado pelo?

Um *boxer*?

Estávamos familiarizadas com os *boxers*, tendo amado e perdido dois quando eu era mais jovem.

Quando estávamos prestes a ligar para o número que constava num anúncio sobre o cruzamento de um *husky siberiano* com um *labrador*, a mãe espetou o dedo no jornal, enrugando-o mais ainda de encontro ao colo.

«CACHORROS: MASTIM INGLÊS!»

* * *

² Cruzamento entre um *golden retriever* e um *poodle*. [N. do T.]

³ Também conhecido como o «gigante branco». [N. do T.]

No mundo dos mastins, há um ditado: «o que o leão é para o gato, assim é o mastim para o cão». O *mastim inglês* é um cão portentoso, meigo e conhecido pela sua grande lealdade. É também conhecida como a raça de cães de maior dimensão criada em todo o mundo. Um *mastim inglês* de nome *Aicama Zorba* estabeleceu o recorde de maior cão do mundo, com cerca de 160 quilogramas, o equivalente em tamanho a um burro de pequenas dimensões. Não é de espantar que os gregos e os romanos tenham usado os mastins como cães de guerra, que chegavam mesmo a combater nos coliseus ao lado dos gladiadores. Com o tempo, esta raça de cães ganhou o apelido de «gigante gentil», pois é isso mesmo que eles são: colossos dóceis, calmos e meigos.

Ao fazer a ligação para o número indicado, a mãe colocou a chamada em alta voz. Eu estava tão excitada que sustinha a respiração enquanto esperava que alguém atendesse.

— Estou sim? — ouviu-se a voz de uma mulher, com um carregado sotaque sulista.

A mãe perguntou se tinham uma cadela.

Respondeu afirmativamente.

Perguntou se tinham alguma malhada.

A resposta foi sim, novamente.

Depois a mãe perguntou se podíamos ir ver (*ir ver*) os cachorros ainda nesse dia.

Sim, uma vez mais.

Tipo, agora mesmo?

Sim.

Então, desafiando todas as razões e bom senso, pusemo-nos a caminho na autoestrada 65 apenas para *ir ver*.

A nossa casa sempre parecera um zoo. Durante toda a nossa infância e enquanto crescíamos, o meu irmão, a minha irmã e eu

tivemos toda a espécie de animais de estimação que uma criança pode desejar: os peludos, os que tinham penas, os viscosos, os que tinham carapaças e até um que grunhia.

Se existir um gene amante dos animais, herdei-o, seguramente, da minha mãe. Segundo consta, quando eu era criança, costumava correr para a calçada depois de chover para salvar as minhocas, colocando-as de novo debaixo da terra para que não secassem. Pode parecer excessivo, mas isso não era nada comparado com as histórias da mãe com os animais.

Quando a mãe era criança (conta ela), encomendava crocodilos a partir de um catálogo e punha-os na banheira do pai dela.

— *Podemos* encomendar crocodilos? — costumava eu suplicar.

— Não, minha querida. Na verdade não é muito bom para os crocodilos. Na altura eu não sabia disso.

Creio que não seja exagerado dizer que a mãe trazia animais para casa há mais de 50 anos, na maioria das vezes sem consultar ninguém. Foi assim que ficámos com as nossas duas cadelas, *Yoda* e *Bertha* — num ímpeto, a partir de um anúncio de jornal. A *Yoda* era uma *chihuahua*. O meu irmão mais velho, o Tripp, referia-se a ela como «o rato». É certo que não era maior que um porquinho-da-índia e apenas tinha cinco dentes, mas eu adorava-a. A principal companhia canina da *Yoda* era a *Bertha*, a nossa *bulldog inglesa* que mais se assemelhava a um cruzamento entre um elefante-marinho e um porco. Tinha uma cauda cor-de-rosa curiosa que se enrolava no traseiro como um bolinho de canela e, por isso, os meus irmãos e eu batizámo-la *Cinnabum*⁴. A determinada altura,

⁴ Trocadilho com as palavras «*Cinnabon*» (conhecida marca de bolinhos de canela) e «*bum*» (traseiro). [N. do T.]

ficou com o apelido de *Fatty*⁵. A *Fatty* preferia não fazer exercício físico, tinha as piores maneiras a comer e ressonava tão alto que acordava os vizinhos. Ainda assim, nas noites de verão em que se ouvia o som dos grilos a roçarem as asas na floresta que ficava nas traseiras da nossa casa, eu era conhecida por me sentar a mirar a *Bertha* e a cantar para ela *You Are So Beautiful*. A *Fatty* era a cadela favorita do pai.

Conhecem aquele casal que engravida acreditando que, de alguma forma, o bebé vai salvar o casamento? Creio que foi esse o pensamento que esteve por detrás da motivação da mãe nesse dia, quando decidiu que precisávamos de um terceiro cão. *Um novo cão é um recomeço!* É voltar ao princípio.

E, por isso, ali estávamos de novo, a recomeçar...

Duas horas mais tarde, saíamos da autoestrada em direção a Sparta e continuávamos por uma estrada de terra batida até chegarmos a uma casinha branca. Ouvimos um forte latido que vinha das traseiras da casa.

Uma mulher abriu as portas mosqueiras.

— Estão aqui por causa dos cachorros mastins? Podem dar a volta por aqui — disse a mulher num sotaque sulista, apontando para as traseiras da casa.

Seguimos a mulher até às traseiras, e o latido profundo foi-se tornando mais próximo. Uma longa sequência de latidos graves e acentuados, com pequenas pausas entre eles.

Comecei a questionar se tudo isto seria uma boa ideia, afinal de contas. Senti uma pontada de raiva por me ter deixado convencer a fazer uma viagem possivelmente ridícula. Será que a mãe realmente pensava que poderia usar um cão como um penso

⁵ Traduzido para a língua portuguesa: «Gorducha» ou «Badocha». [N. do T.]

rápido para cobrir a confusão da embriaguez arrastada da noite anterior? Ter um cachorro é uma decisão muito importante. Uma decisão de *família*. Não deveríamos falar com o pai sobre este assunto? Uma onda de culpa inundou-me o coração ao imaginar os meus pais a ignorarem-se mais ainda por a mãe e eu termos levado outro animal para casa.

Entrámos no pátio das traseiras e a mãe apertou-me a mão de tão excitada que estava. Os latidos tornaram-se mais barulhentos.

— É apenas a *Dozer!* — disse a mulher, enquanto sacudia uma mosca da face. — Não liguem aos latidos dela; é mais suave que manteiga.

Mas estes latidos eram diferentes de todos os outros que ouvira. Eram grandes, barulhentos e ameaçadores como se a cadela soubesse que tínhamos chegado. O meu estômago afundou-se. Continuámos a caminhar até chegarmos a um pequeno curral rodeado de arame.

— Ainda restam dois machos e duas fêmeas — informou a mulher. Dentro do galinheiro, vimos um emaranhado de quatro amorosos cachorros mastins. As cabeças eram do tamanho de toranjas grandes, e o pelo salpicado com manchas listradas pretas. Por baixo das listas, dois tinham o pelo de um castanho chocolate e os outros dois tinham tons um pouco mais claros, mais parecidos com a cor da areia da praia. A coloração escura nos focinhos dava a sensação de usarem máscaras negras, e uma das cadelinhas tinha uma pequena mancha branca no peito. Trotavam pela relva com as barrigas redondinhas e as caudas grossas e davam patadas uns aos outros na brincadeira.

Passei as pernas por cima do arame, sentei-me na relva e procurei acalmar-me. A mãe juntou-se a mim, sentando-se a meu lado com as pernas cruzadas, e quando os cachorros começaram a trepar por nós, a mãe soltou um sorriso rasgado. Tamborilámos

os dedos pelas barriguinhas dos cachorros e deixámos que roessem os atacadores dos nossos calçados. A mãe enterrou o nariz nos seus lombos, beijando as suas cabeças e dizendo a cada um deles que eram a coisa mais fofa que alguma vez vira. Respirei fundo.

Paulatinamente, comecei a ceder em relação à minha mãe. Afinal, talvez esta aventura não fosse assim tão terrível. A relva estava seca como o feno, mas era salpicada aqui e ali por dentes-de-leão. Quando fecho os olhos e me recordo desse dia, ainda os consigo ver: os dentes-de-leão amarelos e uma cadelinha malhada. A minha cadelinha.

A mulher debruçou-se para pegar num dos cachorros, virando-o de costas para baixo para verificar o sexo.

— Esta é uma fêmea — confirmou ela, e largou-a no meu colo. Segurei na cadelinha diante de mim, com as mãos por debaixo das patas dela; a pele era demasiado grande para o seu corpinho, pelo que caía drapeada sobre os meus dedos. E, para mim, esta era tão obviamente uma fêmea que nem queria acreditar que a mulher tivesse de verificar. Fitei a cadelinha nos olhos e ela retribuiu o olhar. A sua fonte enrugada e os olhos arqueados para baixo davam-lhe uma expressão preocupada, parecendo um pouco triste, mas eu sabia que isso não era verdade, pois a sua cauda abanava de contentamento. Era mais linda que uma margarida vermelha. A cadelinha aproximou o seu pescoço enrugado e mordiscou-me o nariz. Fê-lo muito gentilmente — deliberadamente delicada —, para que os seus dentes afiados não me magoassem.

A mãe apertou-me o joelho:

— Lauren. Meu Deus! Temos de levar esta cadelinha! Não é incrível? Queres ficar com ela? — perguntou, perscrutando uma resposta no meu rosto. A *Dozer* continuava a ladrar e, pelo canto do olho, vi que estava atrás de um portão de ferro, a cerca de dez

metros de distância. A cabeça dela assemelhava-se à máscara do Darth Vader e, quando ladrava, uma baba espumosa voava da sua boca e acumulava-se numa pasta viscosa na cerca.

Segurei o corpo quente da cadelinha junto do meu rosto, e ela lambeu a minha bochecha. Aquele odor particular a hálito canino foi o suficiente para me desarmar. Tudo o que queria naquele momento era responder que «sim».

— Mãe, adoro-a — e isso era verdade. Mas uma parte de mim queria dizer *vamos pensar um pouco melhor sobre isto*. No entanto, sabia que se saíssemos dali sem aquela preciosa cadelinha, nunca mais a veríamos. Os olhos da minha mãe estavam repletos de desespero.

— Quero que fiques com ela, querida. Ficaria tão feliz em comprá-la para ti. *Deixa-me levá-la para ti*.

Nessa altura, eu não compreendia muito bem a dinâmica da minha família e, francamente, naquele momento, com a cadelinha ao colo, o que interessava se estivesse a ser manipulada? Poderia ter telefonado ao pai, que me diria que aquela compra impulsiva de um animal de estimação a partir de um anúncio de jornal não seria a melhor das ideias. (Com efeito, caro leitor, por favor não compre cachorros por impulso como eu fiz e, por outro lado, considere a adoção.)

A calorosa cadelinha mordiscou novamente o meu nariz, lambeu-me o olho e voltou a lambe-me, desta vez na boca. Por isso, *engoli* as preocupações e desliguei a parte do meu cérebro que gritava *pensa nas consequências!*

— Sim! Vamos levá-la!

A mãe deu 150 dólares em dinheiro à mulher, foi de carro até à gasolinera mais próxima para levantar mais 250 dólares no multibanco e passou mais um cheque de 300 dólares (pagámos muitas compras impulsivas desta forma). Coloquei a minha nova

amiga ao ombro, agradeci à mulher encarecidamente, lancei um último olhar à *Dozer* e voltámos para Brentwood com mais um membro da família.

— Que nome lhe vamos dar? — perguntou a mãe de novo dentro do carro.

Queria que o nome dela fosse doce e feminino e não um nome bruto como o que deram à mãe da cadelinha.

— Ela é uma pequena dama, uma princesinha — disse, apertando o seu focinho.

— E que tal «por favor pai não te livres de mim»? — riu a mãe, esticando a mão para acariciar as orelhas da cadelinha.

Parecia-me tão acertado ter aquela cadelinha no meu colo. Olhei para baixo na sua direção e nem queria acreditar que era uma realidade. Anos mais tarde, reconheci este olhar no modo como as minhas amigas observavam o seu anel de noivado brilhante: como se as suas vidas estivessem prestes a começar, como se as suas grandes aventuras estivessem no ponto de partida. Foi dessa forma que me senti com a cadelinha no colo, olhando nos seus olhos, que pareciam berlindes delineados com pequenas pestanas. Senti-me como se estivesse sob o efeito de um feitiço, como se estivesse encantada. Espera lá! *Uma História de Encantar*. (Devo ter visto este musical da Disney milhões de vezes). *Giselle*.

— Mãe! E que tal se lhe dermos o nome de *Giselle*? Como a princesa de *Uma História de Encantar*? — *Giselle* soava tão bem e era baseado numa personagem tão amorosamente ingénua que parecia a escolha perfeita para esta inocente cadelinha.

— Sim! É isso! Adoro! — aplaudia a mãe. Decidimos escrever *Gizelle* com um «z» para lhe dar um pouco mais de atrevimento.

— Olá, *Gizelle*, olá, rapariga! — murmurei suavemente, embalando-a nos braços como uma boneca. (Uma boneca mais robusta e do tamanho de um *pug* com pernas mais compridas.)

— Mas o que é que vamos dizer ao pai? — acariciei a pele extra do pescoço da *Gizelle* com a mão. Ainda assim, eu sabia que ele não iria ficar muito zangado em relação a esta nova cadelinha. O pai era a pessoa mais paciente que eu conhecia. Por isso, era provável que acabasse apenas por abanar a cabeça como que a dizer *Claro que era de esperar que elas trouxessem outro animal para casa*, e acabaria por tomar conta dela, como sempre fazia, mas com um ligeiro ressentimento. Apesar disso, a mãe queria arranjar alguma razão que pudesse amenizar a reação do pai, apenas para prevenir. Algo que atenuasse o choque de uma nova cadelinha (que, por acaso, era de uma das raças mais corpulentas em todo o mundo). Elaborámos, então, um plano.

Estacionámos na longa rampa de entrada da nossa casa nas colinas. Ao entrar em casa, o pai estava na sala de estar a praticar as tacadas de golfe em frente à televisão. Como planeado, cumprimentei-o e expliquei que resgatara uma cadelinha de um lugar perto dali que eu conhecia e que tinha o nome de Hospital de Animais Arca de Noé. Disse que a adoção da cadelinha não tivera quaisquer encargos e que iria apenas cuidar dela até que lhe encontrassem um novo lar. Não podia deixar que ela morresse naquele lugar! Nem queria acreditar que tivera a sorte de a salvar a tempo! Que milagre!

O pai analisou-me, um pouco desconcertado, com o taco de golfe ainda na mão. Habitualmente, o pai entregar-me-ia o taco e diria algo como «Vamos, vejamos como está o teu *backswing*, Fernie. Parece-me muito bem este ano!». Mas não fez nada disso. Não nesse dia. Ao invés, olhou para o tamanho das patas da cadela que aninhava nos meus braços enquanto me esforçava por colocar estrategicamente a *Gizelle* numa posição que permitisse que a sua cabeça adorável e os seus olhos derretidos produzissem o máximo efeito. Depois, olhou de novo para mim. Não canalizou

qualquer tipo de zanga nem disse «Não. Já temos duas cadelas e um peixe e a mãe traz para casa muitos animais de estimação. Leva-a de volta para o lugar de onde a trouxeste imediatamente!» como fariam muitos dos pais dos meus amigos. Mas também não segui o caminho do «Sim, vamos cuidar dela até que encontre um lar para todo o sempre! Que bela forma de retribuir, Fernie!». Apenas disse «Está bem», fazendo prolongar a entoação do «bem» como se estivesse a fazer uma pergunta. E quando semicerrou os olhos e entreabriu a boca para acrescentar mais alguma coisa, antecipei-me e disse:

— Não vamos ficar com ela durante muito tempo!

Assim que comecei a mentir ao pai, não consegui parar. Por breves segundos, pareceu-me ouvir uma voz ténue dentro de mim a sussurrar *Psst! Para!* Mas calei-a, pensei que estávamos destinados a ficar com aquela cadelinha e que faria o impossível para que corresse tudo bem.

Irmandade



Lauren com Yoda, Bertha e Gizelle

Um mês mais tarde, a *Gizelle* e eu estávamos no chão frio da cozinha, olhando uma para a outra, eu com o braço por cima do seu lombo e ela com as quatro patas enfiadas na minha barriga. A *Yoda* olhava-nos fixamente de cima de uma das cadeiras da cozinha. A *Bertha* rondava à nossa volta, farejando à procura de algumas migalhas. As pálpebras da *Gizelle* começaram a tremelicar por causa de um sonho vespertino e eu estava prestes a fechar os meus olhos quando...

— De que tamanho vai ficar esta cadela? — A voz do pai sobressaltou-me. — É impressão minha ou ela está a crescer a um ritmo alucinante? — Olhou para baixo enquanto dava um passo largo para passar por cima de mim e da *Gizelle*.

Levantei-me para a examinar. Tinha cerca de 22 quilos e, para ser honesta, a *Gizelle* parecia mais um *labrador* totalmente maduro do que uma cadelinha com cerca de três meses e meio.

— Creio que não está muito grande, pai. Ainda a carregou com facilidade. — Debrucei-me para pegar nela para exibir a sua elegância e coloquei os meus braços em torno da sua barriga sedosa, tentando levantá-la diante do pai, mas, por segundos, ela não cedeu. Agachei-me e tentei erguê-la por entre as minhas pernas, mas levantar a *Gizelle* era como tentar erguer vários garrafões de água. Plantei os pés no chão o mais amplamente que consegui, imprimi mais força corporal, finquei os dedos dos pés e *três, dois, um, força!* Deixei escapar um grunhido breve e patético ao fazer força para a conseguir pôr de pé. *Uff!* As patas dianteiras de *Gizelle* balançaram-se à minha frente e tive de empurrar a minha pélvis para frente para manter o equilíbrio. Mas estava a segurar nela. Consegui. O pai semicerrou os olhos na nossa direção.

— Então, quanto tempo vamos ficar com esta cadelinha?

— Oh, não será muito mais tempo.

Tive de me esforçar para proferir as palavras. Claro que «não será muito mais tempo» no meu dicionário significava para todo o sempre. Mas... *O que* terá pensado o meu «eu» adolescente e tonto? Que o pai se iria apaixonar perdidamente pela cadelinha adotiva, concordaria em ficar com ela e nunca mais faria qualquer pergunta? Estava a viver em negação. Era mestre a viver em negação.

Quando trouxemos a *Gizelle* para casa, eu estava convencida de que o nosso novo animal de estimação representava o arrependimento da mãe e que desta vez ela assumiria a responsabilidade, se comprometeria com um programa de reabilitação e permaneceria sóbria. Durante alguns dias, foi a mãe de que me lembrava da minha infância — a primeira a levantar-se pela manhã, a dar de comer às cadelas, a queimar as torradas e a preparar as peças de fruta em forma de caras sorridentes. Passava tempo comigo no jardim a «apanhar can-can de cãozinho», como ela dizia, rindo e brincando enquanto me ajudava a apanhar os fedorentos dejetos caninos.

Mas quando a novidade da nova cadelinha se dissipou e a responsabilidade de um novo membro familiar se estabeleceu, começou a dormir novamente até mais tarde. Muito tarde. E por vezes deitava-se extremamente cedo — ainda antes de o sol se pôr.

— Não estava a sentir-me bem. Não dormi nada bem esta noite, meninas. O anti-histamínico afetou-me bastante!

A mãe estava sempre a arranjar desculpas, e era difícil distinguir o que realmente correspondia à verdade.

Numa tarde, encontrei-a inconsciente no nosso grande sofá azul de ganga, com a bochecha comprimida numa almofada, a boca aberta, o braço pendurado do sofá e os dedos a roçarem no chão — como se tivesse caído naquela posição. A *Yoda* também estava a dormir, aninhada no peito da mãe e enroscada num dos seus braços. O telefone fixo tocava. Um toque abafado, vindo de

baixo da mãe e da *Yoda*. A bochecha da mãe não se moveu da almofada, mas as pálpebras tremelicavam.

Devo acordá-la? Forçá-la a recompor-se antes que a Erisy e o pai cheguem a casa? A Erisy odiava ver a mãe naquele estado de inconsciência. Mas se a acordasse teria de lidar com ela. O telefone tocou novamente.

A mãe começou a mover-se, tentando alcançar o telefone muito lentamente para o atender. Ao invés, agarrou na *Yoda* pelo abdómen, encostando o rosto à barriga da *chihuahua*.

Grrrr, rosnou a *Yoda*. (Não se perturbava a soneca da *Yoda*.)
— Sstá lá? — disse a mãe, incompreensível.

A *Yoda* rosnou novamente, desta vez mais alto.

A mãe continuou a murmurar na barriga da nossa *chihuahua* cada vez mais zangada, até que o telefone parou de tocar. Afrouxou o aperto que fazia sobre a nossa doce cadelinha *Yoda*, que se apressou a retomar o seu lugar quente na cova que ficava entre a mãe e o sofá.

Soltei um suspiro breve e frustrado e permaneci quieta por momentos, incapaz de decidir se haveria de rir ou de chorar.

— Mãe — chamei-a por fim, e abanei-a. Nada aconteceu. Caíra de novo no sono profundo. Fiz, então, o que a maioria dos adolescentes faria: liguei ao meu irmão mais velho, batizei o incidente «*Yoda-fone*» e continuámos com o verão, tentando fingir que não nos importávamos.

Continuar com o verão foi muito fácil com uma nova cadelinha por perto. Talvez tenha percebido o que a mãe queria dizer quando referiu que eu era uma rapariga de cães grandes, uma vez que a *Gizelle* e eu estabelecemos uma certa ligação desde o início. Quando chegava a casa, a *Gizelle* seguia-me por todo o lado, desde a sala de estar até ao meu quarto, e de novo para o andar

de baixo ou até mesmo à casa de banho, onde se sentava junto dos meus dedos dos pés, como se eu necessitasse do seu apoio. Rapidamente percebi que não podia dar um passo atrás sem verificar se ela lá estava. A *Gizelle* adorava apoiar o seu focinho no meu joelho, colo, pé, mão. E se não conseguisse chegar com o seu focinho de bigodes a alguma parte do meu corpo, recorria ao que ficasse mais próximo disso — repousando a queixada na borda da banheira ou farejando debaixo da porta para tentar encontrar-me, soltando pequenos lamentos quando estava do lado errado da porta. Depressa aprendi que esta é a natureza dos mastins. Adoram o contacto físico, permanecer junto a nós (ou, mais corretamente, sentar-se em cima de nós) sempre que possível. Eu também adorava isso. Adorava as orelhas sedosas da *Gizelle* e o seu pelo suave. Adorava aninhar a minha cabeça na pequena mancha branca do seu peito.

Mas, à medida que a minha mãe se debatia cada vez mais com a sua dependência, nesse verão, a rotina em casa começou a quebrar. A mãe não conseguia manter o contacto visual nem uma conversação decente. Tombava e tropeçava pela cozinha e gritava connosco quando a acusávamos de estar embriagada. Servia-nos frango meio congelado ao jantar e os pequenos-almoços com caras sorridentes deram lugar a dormir até mais tarde e sonolência.

— Vem dar-me um beijo de despedida antes de te ires embora com o pai.

A mãe sabia que eu sairia de casa no final desse verão, mas a Erisy ficaria.

A Erisy era a minha irmã mais nova, e a minha imprescindível melhor amiga. Era 4 anos mais nova, mas muitas pessoas diziam que parecíamos gémeas. Nós adorávamos esta confusão e, frequentemente, respondíamos que tínhamos sete minutos de diferença. A Erisy era o tipo de rapariga que dominava tudo

aquilo que tentasse fazer. Arrasou com o *fouetté*⁶ muito antes de eu o conseguir fazer, cantava e tocava piano, aprendeu sozinha a tocar viola, sempre teve melhores notas na escola e herdou a inteligência do pai no que diz respeito à matemática. (Eu herdei a da mãe.) Pronto, está bem. Eu tinha inveja. Mas adorava ser a sua irmã mais velha e queria ser uma excelente irmã mais velha. Talvez conseguisse ser melhor do que ela nessa tarefa.

Por isso, naquele verão tentei surpreendê-la com *donuts* pela manhã, deixando-lhe pequenas mensagens na almofada ou enchendo balões e colocando-os no quarto dela sem haver um motivo. Quando as coisas com a mãe pioraram muito, levava a Erisy ao centro comercial e comprava braceletes fraternais a condizer. (Comprámos muitas braceletes a condizer.) Pouco depois, o pai informou-nos de que a Erisy não podia mais andar de carro com a mãe, o que não foi surpresa. Depois de a mãe ter sido multada por conduzir embriagada, eu tive de tirar uma licença de condução especial aos 15 anos para poder ajudar a levar a Erisy à escola. Era frequente tentarmos impedir a mãe de conduzir escondendo as chaves do carro ou desligando a bateria.

E embora os deveres enquanto motorista pudessem representar um empecilho ao meu verão, não foi esse o caso. Amontoávamos-nos no *Jetta* com as cadelas e acelerávamos pela Concord Road com as janelas do carro abertas ao som de Justin Timberlake. A *Fatty* ocupava o banco traseiro, correndo de uma janela para a outra, fungando e abanando o seu *Cinnabum* por todo o lado, tentando apoiar as suas patas gorduchas no apoio da porta para poder pôr o focinho ao vento como que a dizer *ESTA É A MELHOR VIAGEM*

⁶ Um dos passos básicos do *ballet* em que o dançarino rodopia sobre uma das pernas enquanto a outra é atirada para fora acompanhando o movimento giratório do corpo. [N. do T.]

DE SEMPRE! A *Yoda* enroscava-se no colo da *Erisy* e a *Gizelle* encontrava sempre um lugar no banco traseiro mesmo no caminho da correria da *Fatty*. Mas isso não a dissuadia. No início, a *Gizelle* parecia um pouco insegura com o que a sua estranha irmã fazia com a cabeça espetada pela janela do carro. Por isso, mantinha-se na retaguarda a observar as orelhas da *Bertha* a esvoaçar com o vento como se estivesse a pensar: *Bem, se a Bertha está a fazê-lo...*

Depois, a *Gizelle* encaminhava-se para a janela, esticava, cética, a ponta do focinho para fora, ao ar, olhando constantemente para a *Fatty*, e espreitava para fora um pouco mais, apoiando-se na borda do vidro da janela. No entanto, quando o vento a atingia nos olhos recostava-se para trás, sobressaltada, pestanejando e sacudindo a cabeça como se tivesse odiado a experiência e as janelas fossem a pior invenção de todos os tempos. *Mas se a Bertha está a fazê-lo...* Depois de algumas tentativas, esticou a cabeça mais para fora, pestanejando repetidamente. E, finalmente, um dia ganhou coragem e atreveu-se a pôr a cabeça totalmente de fora, ao sabor do vento sibilante, com os olhos a vibrar furiosamente como se alguém lhe apontasse um secador de cabelo ao focinho. De início, odiara definitivamente a experiência, mas depressa aprendeu a gostar pois se a *Bertha* o fazia, então ela também o faria. Uma atitude na verdadeira senda de irmã mais nova.

Estacionando o *Jetta* à beira de uma estrada empoeirada com vista para o rio Harpeth, a *Erisy* e eu competíamos para ver quem conseguia ser mais rápida a ficar vestida apenas com o fato de banho, corríamos até à árvore para a treparmos e saltarmos para dentro da água enlameada. Lançando um gritinho de encorajamento, saltávamos para a água uma e outra vez enquanto as cadelas permaneciam em terra firme. Quando estávamos exaustas mas refrescadas, voltávamos a colocá-las a todas dentro do carro, baixávamos os vidros das janelas e serpenteávamos pelas colinas

ventosas do Sul, esticando os braços pela janela para secarem. A *Gizelle*, satisfeítíssima, abanava com a cauda no assento traseiro, afagada pelo vento sibilante e pela música do rádio do carro.

— QUEREM IR AO PARQUE? — gritava eu, mais alto do que a música.

Com facilidade, o nosso pequeno desvio tornava-se uma saída que durava todo o dia. E apesar de a mãe ser imprevisível e de o pai expressar «divórcio» no olhar, parecia que tudo ficava bem quando nos afastávamos.

Era verão. Eu tinha 19 anos, e embora adorasse a *Gizelle*, isso nunca me impediu de a deixar com o «avô». Comecei a passar cada vez mais noites fora de casa, o que dava origem a mensagens que incluíam frases como estas:

«Já dei de comer à tua cadelinha gigante. Lol, pai.»

«A tua cadelinha gigante ainda não está habituada ao bacio. Lol, pai.»

«A tua cadelinha gigante gosta de estar no sofá. Lol, pai.»

«A tua cadelinha gigante adora rebolar-se nas flores. Lol, pai.»

A propósito, o pai achava que LOL significava «lots of love⁷». (E ainda acha.) Um dia, estava no lago com alguns amigos e ao sair da água tinha uma mensagem no telemóvel que dizia: «A cadelinha gigante está com um caminhar estranho. Com alguma dificuldade em manter-se de pé. Diz o q queres q faça. Estou a pensar ligar pro Hospital Arca de Noé. Lol, pai.»

Quando li a mensagem já haviam passado algumas horas desde que o pai a enviara. *Merda*.

⁷ Traduzido para a língua portuguesa: «muito amor» ou «carradas de amor». Na verdade, LOL significa «laughing out loud» que poderá ser traduzido como «rindo à gargalhada». [N. do T.]

«Estou a caminho!», respondi da parte de trás da carrinha de uma amiga, com uma bola de chumbo do tamanho de um mastim no estômago. Meu Deus, a *Gizelle* estaria bem? E estaria eu em apuros? A minha amiga carregou no acelerador, mas apenas uma viagem no tempo me poderia salvar. Era tarde demais.

Corri para dentro de casa para ver como estava a *Gizelle*. Ela contorceu-se e esticou-se no seu cesto de lavandaria onde estivera a dormir e deu-me uma lambidela.

— Olá, *Gizelle*!

A cauda abanava, batucando nas partes laterais do cesto. Parecia estar bem. Estaria o pai confuso? Procurei por ele na cozinha e na sala de refeições, mas não o encontrei em parte alguma. *Por favor, que tenha saído para ir jogar golfe. Por favor, que não tenha telefonado para a Arca de Noé.*

Corri para o meu quarto no andar de cima e atirei com o fato de banho molhado para o chão para trocar de roupa. Estava a escovar o cabelo diante do espelho para tirar o aspeto desganhado que ganhara no lago e foi então que ouvi o som temido dos mocassins do pai caminhando devagar no andar de baixo.

Parei, com a escova na mão, e fitei o meu reflexo.

— Ei, Lauren, desce por um segundo — disse ele na direção do meu quarto. Isto era terrível. Habitualmente, o pai chamava-me «Fernie» ou «parceira», mas hoje dissera «Lauren». Oh, isto era terrível!

Puxei o fecho do casaco, enrolei o cabelo numa toalha e rastejei até ao andar de baixo. O pai estava sentado à mesa da cozinha. A *Gizelle* estava deitada perto dele. A *Bertha* e a *Yoda* estavam deitadas junto à janela a aproveitar os raios de sol. O pai não teve de me pedir para me sentar; a cadeira já estava à minha espera. O pai tinha vestida uma t-shirt azul com a frase «a vida é boa», com aquela figura do homenzinho feito de pauzinhos da *Life is Good* a olhar para mim

ironicamente, e estava sentado com o tornozelo por cima do joelho e os braços cruzados, os lábios comprimidos e a franzir o sobrolho. A *Bertha* e a *Yoda* olhavam para nós como se fossem o júri.

O meu coração batia descompassadamente no peito. Seja o que for que tivesse acontecido, eu sabia que não iria abdicar da *Gizelle*. Tentei esconder que estava nervosa. Sentei-me e pousei o pé em cima da *Gizelle*, traçando círculos no seu pelo com o dedo grande do meu pé. Tenho o dedo grande do pé da minha mãe. É mais curto do que o seu dedo vizinho.

— Liguei para o Hospital Arca de Noé — disse o pai. — A *Gizelle* estava a caminhar de forma estranha no quintal. As pernas tremiam-lhe e debatia-se para se manter de pé. Por isso, liguei para eles para saber se podiam ajudar ou qualquer outra coisa. — Eu não levantei a cabeça. — Informaram-me que não *têm* um programa de adoção. Não conhecem nenhuma Lauren nem nenhuma *Gizelle*.

Fizera um excelente trabalho de detetive, não? Abri os olhos na direção do pai, mas mantive o meu queixo colado ao peito. Tentei verter algumas lágrimas pensando que pudessem ajudar naquele momento. Ele fitou-me com os lábios bem comprimidos na expectativa de que eu dissesse algo. Mas não tinha nada para lhe dizer. Deixou cair a cabeça em sinal de desapontamento. *Será que agora vai gritar comigo?*, pensei apavorada. Certamente tinha todo o direito de o fazer, mas, ao invés, respirou fundo e pousou os cotovelos nos joelhos para ser franco comigo.

— Fernie, não sei se a honestidade tem valor para ti — continuou. — Mas é muito importante para mim e talvez eu e a mãe não tenhamos feito um bom trabalho a transmitir-te este valor. (Não conseguia deixar de pensar na mãe: as mentiras saíam-lhe da boca como se fossem soluços.) Quero dizer-te... — fez uma pausa. — Creio que não chegarás muito longe na vida, ou nas

tuas relações pessoais, se não disseres a verdade. — Eu levantei a cabeça. — Olha bem para ti, parceira — continuou. — Tens de começar a pensar naquilo que dizes. Não queres ser íntegra naquilo que dizes e fazes?

Senti-me profundamente envergonhada, ao ponto de lágrimas verdadeiras se começarem a formar nos meus olhos.

Deveria ter gritado comigo ou ter-me posto de castigo. Deveria ter entregado a *Gizelle*. Mas o que ele fez era mais poderoso: escolheu não gritar. Falou comigo como faria com uma pessoa adulta, o que fazia um certo sentido, pois era suposto tornar-me em breve uma adulta.

— Desculpa — supliquei, com a voz a quebrar. Olhei o pai nos olhos e repeti: — Desculpa.

— Uma coisa é certa — disse o pai, inclinando-se sobre a *Gizelle*, que estava esparramada no chão da cozinha. — Sei que adoras a tua cadelinha gigante.

Deu duas palmadinhas reconfortantes na cabeça da *Gizelle* como se ela tivesse sido a sua detetive cúmplice neste plano para me caçar e saiu da cozinha.

Permaneci sentada na cadeira por mais alguns momentos e olhei para a *Gizelle*. *Quer dizer que vamos ficar com ela?*, perguntei-me. Se o pai estava a pensar nisso, sentia uma grande pressão para não o desapontar. Não podia contar com a minha própria mãe para me ajudar. Estaria fora por uns 28 dias, pelo menos, num centro de desintoxicação. Se tudo corresse bem, estaria no programa durante 28 dias e ficaria sóbria. Seria de novo a minha mãe e, entretanto, eu seria a mãe da *Gizelle*.

A minha primeira lição como mãe canina surgiu com rapidez, pois o pai não estava errado quanto ao caminhar estranho da *Gizelle*. Numa noite, pouco depois de ter sido apanhada a mentir sobre a adoção da cadelinha, a casa estava sem a mãe e muito

silenciosa e o pai preparava-se para fazer o jantar para mim, para a Erisy, e para o Tripp e a sua nova mulher. Fui ao quintal, descalça, procurar a *Gizelle*:

— Vem cá — chamei, batendo ao de leve nas coxas para a fazer brincar comigo. A *Gizelle* tentou levantar-se, mas era como se as patas dela estivessem pregadas ao solo. Vacilou desajeitadamente, como se fosse coxa.

— Pai! — gritei.

— Sim? — Ele abriu a porta e viu a *Gizelle* a rastejar pela relva. — Pois, era isso que ela estava a fazer. Não sei o que se passa com ela.

— Temos de a levar ao veterinário! — gritei.

O pai voltou a colocar os bifes no frigorífico e reunimo-nos. Todos nós — eu, o pai, o Tripp, a Jenna e a Erisy — fomos ao veterinário noturno. Agrupámo-nos na pequena sala de observações em torno da *Gizelle*. Puseram um termómetro no traseiro da cadela, observaram as orelhas, viram o focinho, puxaram pela cauda e esticaram cada uma das suas patas. Nada. Essa noite custou-nos 500 dólares para ficarmos a saber que a *Gizelle* estava com «dores de crescimento». É verdade, nada mais que dores de crescimento.

— Isto é comum em cães de raças gigantes — assegurou o veterinário.

Ficámos os cinco aliviados. O veterinário pareceu surpreso ao ver tantos de nós apertados numa pequena sala por causa de dores de crescimento. Bem, agora já sabíamos do que se tratava. Descobri outra coisa nessa noite ao ver a minha família amontoada naquela pequena sala em redor da *Gizelle*, cada um de nós afagando-lhe as orelhas ou a fazer festinhas na barriga e a olhar para ela com profundo amor, e ao ver o pai a pagar a conta do veterinário sem qualquer reclamação. Definitivamente, íamos ficar com a cadelinha gigante.

O MARLEY & EU DE UMA NOVA GERAÇÃO

Quando chegou a casa da família Watt, *Gizelle* não era mais que uma cachorrinha. Apesar de ter sido prenda de impulso de uma mãe com problemas de alcoolismo, haveria de se tornar a melhor amiga de uma vida.

Quando saiu de casa dos pais para ir para a universidade, Lauren levou *Gizelle* consigo. Depois, ao decidir recomeçar a sua vida, mudando-se para o centro de Manhattan, levou *Gizelle* consigo. Enquanto enfrentava o desemprego, a doença da mãe, a distância da família, o fim de um namoro e todas as dificuldades de uma vida nova, Lauren teve sempre *Gizelle* ao seu lado.

E, assim, quando chegou a hora de acompanhar *Gizelle* na despedida deste mundo, Lauren não faltou à sua fiel companheira, criando um plano para que esta pudesse viver num mês a felicidade de uma vida inteira.

«Uma história que é tanto sobre crescer como sobre aceitar o que não pode ser mudado. Um livro que nos lembra da profunda ligação que pode existir entre as pessoas e os animais que elas adoram. Uma história sentida e emocional.»

KIRKUS REVIEWS


o curso da sua vida

20120 editora

ISBN 978-989-8855-58-9



9 789898 855589

Memória Inspiracional